

## Vínculos afetivos e capacidade de mentalização na alienação parental

Andréa Faccini<sup>1</sup>

Vera Regina Röhne Ramires

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brazil

### Resumo

Esse estudo teve como foco alguns dos processos psicológicos presentes na Alienação Parental, mais especificamente as características dos vínculos afetivos dos pais, mães e filho(a)s envolvidos nesse fenômeno e a sua capacidade de mentalização. Realizou-se um estudo qualitativo exploratório, adotando-se o procedimento de Estudo de Casos Múltiplos. Os participantes foram quatro crianças e seus pais, encaminhados para avaliação psicológica para uma clínica-escola de uma universidade no sul do Brasil, pela Vara de Família e Sucessões do Fórum da Comarca da cidade em questão. O processo de avaliação envolveu entrevistas semiestruturadas, estruturadas e testes psicológicos. Os principais resultados apontaram para vínculos afetivos frágeis e inconsistentes, permeados por conflitos, com indicadores de apego inseguro. As mães e pais participantes, assim como as crianças, apresentaram uma capacidade de mentalização comprometida.

*Palavras-chave:* Vínculo, capacidade de mentalização e alienação parental.

### Bonds and mentalization capacity in parental alienation

#### Abstract

This study has focused some of the psychological processes presents in the Parental Alienation, more specifically the characteristics of bonds between fathers, mothers and their children, who are involved in this phenomenon, and their mentalization capacity. An exploratory qualitative study has been conducted, adopting the Multiple Cases Study procedure. Participants were four children and their parents. Participants were sent to psychological evaluation in an university school clinic localized at metropolitan region of Porto Alegre, by the Family Court of the city concerned. The participant's evaluation process included semi-structured, structured interviews, and psychological tests. The main findings indicated weak and inconsistent affective bonds, permeated by conflicts, and indicators of insecure attachment. Mothers and fathers, as soon as children, showed a restricted mentalization capacity.

*Keywords:* bond, mentalization capacity and parental alienation

O foco deste estudo foram alguns dos processos psicológicos presentes na Alienação Parental (AP), especificamente as características dos vínculos afetivos das pessoas envolvidas nesse fenômeno e sua capacidade de mentalização. Devido ao aumento no número de separações e divórcios, o envolvimento dos filhos e de seus familiares tem mobilizado a atenção dos profissionais, pesquisadores e legisladores motivando, inclusive, a aprovação de Lei sobre a matéria, a Lei 12.318 (Brasil, Presidência da República, 2010).

Em separações muito conflitivas, por vezes, um dos genitores, aquele que detém a guarda dos filhos, pode dificultar ou até mesmo impedir a convivência e a manutenção dos vínculos afetivos dos filhos com o genitor não guardião. Por meio de uma série de manipulações, o genitor alienador utiliza os filhos como instrumento de agressividade e retaliação dirigida ao

parceiro, levando-os a rejeitá-lo ou até mesmo a odiá-lo. Esse fenômeno foi descrito inicialmente por Gardner (1985, 1998, 2002), psiquiatra norte-americano, com base na sua experiência clínica junto aos filhos que experimentaram divórcios extremamente conflitivos de seus pais. Esse autor chegou a propor a definição de uma Síndrome de Alienação Parental, a ser incluída no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, da *American Psychiatric Association*, (APA, 1994).

A concepção de Gardner tem sido alvo de intensa polêmica. Nesse sentido, embora questionando a validade e a utilidade que uma concepção nosográfica de síndrome teria para a abordagem de tais situações, assume-se neste estudo que não é possível desconsiderar que muitas famílias que experimentam a separação ou divórcio podem vivenciar esse processo de alienação. Compreende-se que todos os personagens dessa trama estão envolvidos e têm uma implicação nos seus desdobramentos.

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Email: andrea\_faccini@hotmail.com

Talvez pela própria natureza do fenômeno, o número de pesquisas empíricas é bastante reduzido. Estudos que tivessem abordado diretamente a criança no momento em que vivencia essa experiência não foram encontrados. Sem deixar de reconhecer a importância dos diversos fatores envolvidos (sociais, econômicos, culturais, de gênero etc.), nessa investigação se optou pelo foco nos processos psicológicos subjacentes ao fenômeno de alienação parental, especificamente as características dos vínculos afetivos presentes nessas famílias e a capacidade de mentalização dos envolvidos no processo.

### **Vínculos afetivos e capacidade de mentalização**

A dinâmica envolvida na alienação parental pressupõe a existência de um vínculo emocional particular entre a criança e seus cuidadores. Para Garber (2004), trata-se de um fenômeno que pode ser compreendido no contexto da teoria do apego, proposta por Bowlby (1969/1990). Conforme Bowlby, a segurança do apego de uma criança é mediada pelos seus modelos representacionais internos, que refletem suas experiências com os cuidadores primários. Essas experiências seriam o início daquilo que depois se generalizará nas expectativas sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo em geral. A percepção e a avaliação que a criança faz do ambiente sofre influência dos modelos representacionais internos, que podem ser válidos ou distorcidos.

Segundo Souza e Ramires (2006), os modelos representacionais internos são estruturas que podem ser úteis no enfrentamento das transições familiares, oferecendo à criança, dependendo das características do modelo, recursos importantes para sua vivência do processo de formação, conflitos e/ou rompimento de vínculos familiares. O divórcio dos pais faz com que, pelo menos temporariamente, haja uma perturbação significativa da segurança do apego da criança. Isto pode ser observado na frequência de expressões de ansiedade, depressão, problemas de comportamento e dificuldades na aprendizagem (Riggio, 2004).

Bowlby (1973/1998) assinalou que os dados para a construção dos modelos representacionais internos são advindos de múltiplas fontes, havendo a possibilidade de existirem dados incompatíveis que podem ser regulares e persistentes. Consequentemente, a percepção de uma criança acerca de novas informações sobre uma figura de apego específica poderá ser percebida como consistente ou inconsistente, dependendo do modelo representacional interno que ela possui desse cuidador.

No caso da alienação parental, o cuidador que denigre o outro pode levar a criança a acomodar em seu

modelo representacional informações de tal forma que a sua experiência subjetiva tenha pouca ou nenhuma relação com a responsabilidade e responsividade do genitor alienado. A segurança da criança com esse cuidador pode se tornar corrompida ou distorcida.

Sroufe (citada por Target, 2007) propôs uma releitura da teoria do apego em termos de regulação do afeto. O sistema de apego-cuidado seria o primeiro e principal regulador da experiência emocional, visando ao seu objetivo maior: a experiência de segurança. De acordo com essa perspectiva, pessoas com apego seguro apresentariam capacidades internalizadas de autorregulação, diferentemente daquelas que suprimem o afeto (evitativas) ou das que o aumentam (resistentes/ambivalentes). Por outro lado, situações de estresse (doença, separações, litígios) ou um desenvolvimento insuficiente dessas capacidades comprometeriam a regulação do afeto, a segurança dos vínculos e a elaboração das crises ao longo do ciclo vital (Target, 2007).

O conceito de função reflexiva e o de capacidade de mentalização auxiliam na elucidação desse processo. A função reflexiva diz respeito aos processos psicológicos subjacentes à capacidade de mentalizar (Fonagy, Gergely, Jurist & Target, 2002). Envolve um self reflexivo (a autorreflexão), que possibilita ao indivíduo distinguir as realidades interna e externa, supostas com base nas suas vivências “reais” e nos processos mentais e emocionais intrapessoais, a partir das comunicações interpessoais. Cuidadores com capacidade reflexiva promovem apego seguro em suas crianças (Fonagy, 1999). Além disso, um ciclo de desvantagem e de persistências transgeracionais de vínculos inseguros e fragilizados poderia ser interrompido na medida em que o cuidador adquira a capacidade de refletir produtivamente sobre a experiência mental e relacional. Portanto, a capacidade dos cuidadores de observar e compreender os estados mentais das crianças, de refletir e nomear suas experiências emocionais permite a elas o desenvolvimento dessa mesma capacidade, chamada de capacidade de mentalização (Bateman & Fonagy, 2003; Fonagy et al., 2002).

Essa capacidade somente se desenvolve no contexto de relacionamentos de apego seguro. O estabelecimento sólido da função reflexiva e da capacidade de mentalização possibilita ao indivíduo o enfrentamento de conflitos e realidades familiares e sociais adversas. Ao contrário, seu status frágil implica numa vulnerabilidade para traumas posteriores (Fonagy, 1999; Bateman & Fonagy, 2003, 2004).

Assim, compreender os processos psicológicos implicados em separações altamente conflituosas, que conduzem a uma dinâmica de AP, pode contribuir para o campo de pesquisas com essa população e para o aprimoramento das estratégias de intervenção clínica

junto à mesma. Parte-se do pressuposto que os vínculos afetivos e a capacidade de mentalização estejam comprometidos nos adultos e crianças envolvidos em tais conflitos. Espera-se contribuir para o esclarecimento desse processo, que conduz ao rompimento dos vínculos de forma tão intrincada e, por vezes, irreversível.

Sendo assim, os objetivos desse estudo foram: a) analisar e caracterizar os vínculos afetivos entre crianças com indicadores de AP e seus pais; b) analisar indicadores da capacidade de mentalização de crianças e seus pais, envolvidos em litígios familiares que apontaram para a presença de AP; e c) refletir sobre a dinâmica de famílias nas quais as crianças manifestam indicadores de AP, com base nos conceitos de função reflexiva, capacidade de mentalização e modelo representacional interno da teoria do apego.

### Método

Seguindo uma abordagem qualitativa-exploratória, adotou-se o procedimento de Estudos de Casos Múltiplos (Yin, 2005). Foram realizados três Estudos de Caso, sendo cada criança e seus pais considerados um caso. Os casos participantes foram encaminhados para avaliação psicológica para uma clínica-escola de uma universidade na região sul do Brasil, pela Vara de Família e Sucessões do Fórum da Comarca da cidade em questão. Eles foram informados sobre a pesquisa, concordando em participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade correspondente. Independentemente da pesquisa e da avaliação solicitada pelo Poder Judiciário, foi priorizado o bem estar e as demandas dos participantes, sendo encaminhados para psicoterapia seis deles.

Os critérios para inclusão no estudo, no que diz respeito aos indicadores de AP, foram: a) o caso ter sido encaminhado para avaliação psicológica em decorrência de processo judicial litigioso de disputa por guarda de crianças ou regulamentação de visitas; b) as crianças estarem sob guarda unilateral (neste estudo, sob guarda da mãe); e c) ter o contato prejudicado ou inexistente entre a criança e o genitor sem a guarda.

### Procedimentos de Coleta de Dados

Os seguintes instrumentos foram utilizados com os pais e mães participantes: Entrevistas individuais semiestruturadas, que exploraram a história do conflito que levou à separação, bem como o nível de relacionamento atual entre os pais e a descrição do vínculo com os filhos, antes, durante e depois do divórcio; Entrevista estruturada, para avaliação clínica dos indicadores da capacidade de mentalização. Bateria e Fonagy

(2006) postulam que essa avaliação pode estar baseada em métodos estruturados e não-estruturados e, em geral, acontece no curso do levantamento da história do paciente. Esses autores oferecem um sistema de escore simples e de fácil aplicação para identificar a capacidade de mentalização. Esse instrumento avalia quatro temas relacionados à mentalização (“Percepção do próprio funcionamento mental”, “Compreensão dos pensamentos e sentimentos dos outros”, “Representação do *self*” e “Valores e atitudes gerais”). Neste estudo, elaborou-se uma entrevista estruturada para levantamento da história de vida dos pais e mães das crianças participantes, sobre a qual foi aplicado o *Checklist* para Avaliação Clínica da Mentalização.

Os seguintes instrumentos foram utilizados com as crianças, nesta ordem: Hora de Jogo (Aberastury, 2007); *Manchester Child Attachment Story Test* (MCAST): foi utilizada uma adaptação do instrumento proposto por Green, Stanley, Smith e Goldwyn (2000), criado para avaliar as representações internas dos relacionamentos de apego de crianças em idade escolar. O instrumento é composto por seis vinhetas que a criança é solicitada a completar e, para construir suas narrativas, escolhe um boneco que a represente e outro que represente o cuidador. O instrumento permite avaliar a capacidade de mentalização da criança. Teste do Desenho da Família, (Corman, 2003) e Teste das Fábula (Cunha & Nunes, 1993).

### Procedimentos de Análise dos Dados

Todas as entrevistas, tanto das crianças como de seus pais, foram gravadas, sob autorização, e foram transcritas. Num primeiro momento, os instrumentos utilizados foram analisados e interpretados com base nas instruções correspondentes. A Hora de Jogo foi utilizada como uma fonte de dados complementares e de apoio sobre as crianças. Logo a seguir, seguindo a estratégia analítica proposta por Yin (2005), as seguintes etapas foram percorridas: 1º. Passo: descrição abrangente de cada caso, organizada de forma **cronológica** e **temática**; 2º. Passo: Construção da Explicação; 3º. Passo: Síntese de Casos Cruzados, confrontando as análises de cada caso, identificando convergências e divergências.

### Resultados

As tabelas 1 e 2 oferecem um panorama sobre os resultados obtidos junto às crianças, pais e mães participantes do estudo. Na sequência, cada caso é discutido detalhadamente.

Tabela 1  
*Síntese dos resultados obtidos com as crianças participantes*

Caso	Idade da criança	Idade pai	Idade mãe	Tempo sem contato	Teste do Desenho da Família	Teste das Fábulas	MCAST pai	MCAST mãe
Caso 1 Letícia	8 anos	46 anos	35 anos	8 meses	Tendência narcisista, pouco investimento nas figuras familiares; mãe e filha parecida	Conflitos com pai e mãe, pobreza das fantasias, mecanismos de defesa primitivos	Estratégias evitativas em 4 vinhetas; Mentalização pobre	Estratégias ambivalentes / resistentes em 2 vinhetas e evitativas em 1 vinheta; Mentalização pobre
Caso 2 Vanessa	6 anos	41 anos	32 anos	6 meses	Desenho pobre, omissão do pai, mãe e filha semelhantes	Dependência da figura materna, conflitos de separação – indução, fantasias de privação e rejeição	Indicadores de apego inseguro, interação pobre entre personagens, capacidade de mentalização restrita	Indicadores de apego inseguro, sem interação entre os personagens, capacidade de mentalização restrita
Caso 2 Rodrigo	10 anos	41 anos	32 anos	6 meses	Posição regressiva, omissão do pai, mãe e irmã representadas semelhantes	Muitas respostas populares, presença de aspectos conflituosos controlados	Indicadores de apego inseguro, estratégias evitativas, capacidade de mentalização restrita	Indicadores de apego inseguro, estratégias evitativas, capacidade de mentalização restrita
Caso 3 João	6 anos	28 anos	23 anos	1 ano	Desenho da família extensa, pobre, aspectos depressivos e regressivos, omissão de si	Conflitos de separação-individuação, fantasias de rejeição e ansiedade de separação	Busca de proximidade, predominando indicadores de apego inseguro, elementos de evitação e restrição, capacidade de mentalização restrita	indicadores de apego inseguro, elementos de evitação e restrição, capacidade de mentalização restrita

Tabela 2

*Síntese dos resultados obtidos junto às mães e pais participantes quanto à capacidade de mentalização*

Caso	Percepção do próprio funcionamento mental	Representação do <i>Self</i>	Pensamentos sentimentos de outras pessoas	Valores e atitudes gerais	Mentalização Global
Caso 1 Rosa	Pobre	Pobre	Pobre	Pobre	Pobre
Caso 1 Sandro	Moderada	Moderada	Pobre	Pobre	Moderada
Caso 2 Luciana	Moderada	Moderada	Pobre	Pobre	Pobre
Caso 2 Ronaldo	Moderada	Moderada	Moderada	Moderada	Moderada
Caso 3 Helena	Pobre	Moderada	Pobre	Pobre	Pobre
Caso 3 Paulo	Moderada	Moderada	Moderada	Moderada	Moderada

**Caso 1: Letícia<sup>2</sup>**

Letícia e seus pais foram encaminhados para avaliação psicológica devido à denúncia feita pela mãe de abuso sexual do pai contra a menina. Não era a primeira avaliação envolvendo essa família, e o caso se arrastava no Poder Judiciário havia quatro anos. Letícia tinha oito anos e era estudante da segunda série do Ensino Fundamental. Morava com a mãe (Rosa) e com um irmão por parte de mãe (Gabriel). Rosa tinha 35 anos, era diarista e sua mãe havia falecido há dois anos. Até então, ela sempre morou com sua mãe, que teve papel importante na sua vida e na criação dos seus filhos.

Sandro (pai de Letícia) tinha 46 anos, era vigilante noturno e seus pais eram falecidos. Sua história de vida foi marcada por inúmeras perdas. Perdeu seu pai aos seis anos e sua mãe quando tinha 20 anos, sendo que era muito ligado a ela. Sandro tem outros dois filhos que viviam sob sua guarda, de um relacionamento anterior.

O relacionamento de Rosa e Sandro sempre foi marcado por inúmeros conflitos. Ambos relataram histórias de violência um contra o outro, e somente moraram juntos por dois meses. Letícia não foi planejada e quando Rosa descobriu que estava grávida, o casal estava separado. Rosa e Sandro, entre idas e vindas, relacionaram-se até Letícia completar quatro anos.

Por muito tempo, Letícia insistiu em manter contato com o pai, mesmo com a reprovação da mãe. Porém, depois da denúncia de abuso sexual, repetiu constantemente que não queria mais vê-lo, descrevendo-o com características negativas, negando o bom relacionamento que tiveram até então, descritos nos pareceres de

alguns profissionais anexados ao processo, e exaltado por Sandro. Na época da avaliação, Sandro estava há oito meses sem ver a filha, devido às acusações.

Durante a avaliação psicológica, Letícia apresentou-se como uma menina apática, com aparência cansada, profundas olheiras e comportamento desconfiado. Escolhia jogos estruturados, com regras definidas, evitando brinquedos e atividades lúdicas menos estruturadas e que possibilitassem uma expressão mais livre dos seus sentimentos e experiências. A menina vinha sempre às sessões com algo a contar sobre o pai. Os relatos eram descontextualizados, prontos, decorados e não eram acompanhados por emoções.

O Teste das Fábulas evidenciou conflitos com pai e mãe. A pobreza das fantasias e da expressão verbal sugeriu a utilização de mecanismos de defesa primitivos, e uma fragilidade na sua organização egóica, possivelmente devido a fatores emocionais e cognitivos. Suas respostas indicavam muito controle, tentativas de elaboração do choque e bloqueio como defesa da ansiedade. O Teste do Desenho da Família mostrou uma tendência narcisista, com pouco investimento nas imagens familiares. Letícia não desenhou seu pai, apenas ela e a mãe, muito parecidas, com características infantis. Os resultados do MCAST em relação à mãe apontaram indicadores de apego inseguro na maioria das vinhetas. As situações de angústia mobilizadas nas histórias foram resolvidas mediante estratégias ambivalentes/resistentes em duas vinhetas e evitativa em uma. A interação com a mãe era pobre e não calorosa, e em algumas vinhetas não houve qualquer contato efetivo entre mãe e filha. Os resultados do MCAST em relação ao pai também apontaram indicadores de apego inseguro. As situações de angústia foram resolvidas mediante estratégias evitativas em quatro vinhetas.

<sup>2</sup> Os nomes das crianças participantes do estudo e de seus pais foram modificados, assim como quaisquer características que os identificassem.

Na maioria delas, não houve interação com o cuidador. Porém, em vários momentos, Leticia introduziu relatos de situações em que a filha estava com o pai, em diversas atividades com ele. As narrativas de Leticia, em ambas as aplicações, apontaram para uma capacidade de mentalização pobre. Na maioria das vinhetas, não conseguiu identificar os estados mentais nem da personagem criança nem dos pais e em algumas deu respostas desconectadas.

O *Checklist* para avaliação da capacidade de mentalização em relação às entrevistas de Rosa evidenciou uma capacidade de mentalização “Pobre” em termos globais e também em relação a todos os quatro temas da mentalização. O *Checklist* para avaliação da capacidade de mentalização de Sandro revelou capacidade de mentalização “Moderada” em termos globais. Sobre os quatro temas da mentalização, os resultados foram: em relação aos “Pensamentos e sentimentos de outras pessoas” e “Valores e atitudes gerais” a avaliação clínica evidenciou a categoria “Pobre”. Já em relação à “Percepção do próprio funcionamento mental” e “Representação do *Self*” a avaliação apontou para a categoria “Moderada”.

### Caso 2: Vanessa e Rodrigo

Vanessa, Rodrigo e seus pais foram encaminhados para avaliação psicológica devido à recusa das crianças em visitar o pai, Ronaldo. Havia vários processos judiciais movidos tanto pela mãe, Luciana, como pelo pai, em relação à pensão alimentícia, partilha de bens etc. Vanessa tinha seis anos, estava na pré-escola e seu irmão Rodrigo, de dez anos, era estudante da quinta série. Ambos estavam sob a guarda materna.

Luciana tinha 32 anos e era empresária. Vinha de uma família com bom poder aquisitivo. Ronaldo tinha 41 anos e era militar. O casamento durou 13 anos, e Ronaldo e Luciana estavam separados havia seis meses no início da avaliação psicológica.

Luciana casou-se pela primeira vez aos 17 anos, casamento que durou um ano e meio. Logo após, conheceu Ronaldo, aos 19 anos. Depois de dois meses, estavam morando juntos e oficializaram sua união após três anos, com o nascimento de Rodrigo.

O relacionamento do casal sempre foi bastante difícil, separaram-se por diversas vezes. Estavam separados quando ela descobriu que estava grávida de Rodrigo, o que fez com que reatassem. Segundo Luciana, ela já não queria mais viver com Ronaldo. O último rompimento conjugal aconteceu devido a uma violenta briga narrada pelo casal de forma distinta. Segundo Luciana, as crianças pediram a separação e ela assim o fez, ficando com a guarda dos filhos. Ronaldo tentou vê-los por algumas vezes, mas eles se negaram a ir com o pai. Depois dessas tentativas, Ronaldo assumiu uma postura de desistência.

Nas suas entrevistas, Luciana insinuou um episódio de abuso sexual de Ronaldo em relação à filha Vanessa, acusando-o de abusar de álcool e outras drogas. Ao mesmo tempo, afirmava que gostaria que seus filhos convivessem com o pai, alegando entender sua importância na vida deles e que eles é que não queriam mais contato, devido aos episódios de violência. Segundo Ronaldo, era Luciana e seus pais que influenciavam as crianças.

Luciana apresentava muita dificuldade para falar dos filhos. Suas verbalizações giravam em torno dos seus conflitos com o ex-marido, brigas, os defeitos dele etc. O estado emocional dos filhos, a repercussão na vida deles da separação e do litígio do casal não era algo presente, no seu discurso. Em algumas ocasiões, observou-se que Luciana denegriu o pai na frente das crianças.

Vanessa e Rodrigo, já na primeira entrevista, afirmaram que não queriam ver o pai e que a mãe e seus avós insistiam para que fossem vê-lo. Descreveram o pai somente em termos negativos. Não se referiam a Ronaldo como “pai”, optando por chamá-lo pelo nome. Além disso, apresentavam um discurso e modo de falar inapropriado para sua faixa etária.

Vanessa, na primeira entrevista, assumiu um comportamento diferente do esperado para sua idade. Sentou na poltrona e conversou. Ao final, depois de ter feito todas as queixas em relação ao pai e ter repetido as histórias da mãe, perguntou: “*agora eu posso brincar?*”. No Teste de Fábulas, suas repostas indicaram uma posição bastante dependente em relação à figura materna, levando à hipótese do processo de separação-individuação não ter sido completamente superado. Os conflitos evidenciados indicaram impulsos pré-edípicos, e fantasias de privação e rejeição. Evidenciou uma ambivalência entre o desejo de crescimento e a dependência da mãe. A relação com a figura materna também foi permeada por impulsos agressivos. Seu Teste do Desenho da Família foi bastante pobre. Seu desenho obedeceu ao princípio da realidade, em que figuram os membros da família em ordem hierárquica e o único detalhe que diferenciava mãe e filha eram os braços da mãe. Não desenhou seu pai, nem o mencionou no inquérito. Os resultados do MCAST apontaram, em relação à mãe, alguns indicadores de apego inseguro. Há utilização de uma estratégia interpessoal, porém não há interação entre os personagens, nem evidências de uma reação parental calorosa, preocupada e sincronizada. Além disso, não aparece comportamento de busca de proximidade por parte da criança. Em relação ao pai, ao iniciar o procedimento e escolher os bonecos, escolheu primeiramente um boneco mulher para ser o pai. Depois, retificou. A narrativa produzida para as histórias foi muito semelhante às do procedimento em

relação à mãe, em alguns casos, idênticas. Os indicadores apontaram para apego inseguro, interação pobre entre os personagens, não havendo comportamento de busca de proximidade. A capacidade de mentalização evidenciada foi muito restrita, as narrativas foram pobres, sem detalhes. Não contou histórias com um começo, um meio e um fim. A identificação do estado mental dos personagens era “Bem”, “Boa”, “Legal”, simplesmente. Além disso, os sentimentos e pensamentos de mãe e filha eram idênticos em todas as cenas.

Rodrigo, nas suas entrevistas, parecia ter somente um objetivo: falar mal de seu pai. Descreveu a sua relação com ele como tendo sido sempre conturbada e que havia sido tratado por ele com menosprezo. Muitas vezes, Rodrigo disse não estar com vontade de brincar, mostrando-se bastante apático. Escolheu jogos estruturados, com normas definidas. Seu Teste de Fábulas apontou a utilização de muitas respostas populares, indicando a presença de aspectos conflituosos bastante controlados. Rodrigo preocupou-se em dar respostas socialmente aceitas, com medo de reprovação. O resultado do Teste do Desenho da Família de Rodrigo sugeriu que o menino apresentava uma posição regressiva. Além disso, desenhou sua mãe e sua irmã muito semelhantes. O pai não foi representado. No inquérito, quando solicitado a falar da história daquela família, deixou claro que se tratava da sua família real. Centrou-se na questão do conflito ligado à separação dos pais, colocando o pai na posição de responsável por isso. Embora não tenha desenhado o pai, durante todo o inquérito o incluiu na família, descrevendo-o como o pior de todos e o menos feliz. Os resultados do MCAST apontaram indicadores de apego inseguro em relação à mãe e ao pai, com utilização de estratégias evitativas. Em algumas vinhetas, Rodrigo retratou a mãe como estando mais preocupada com o próprio bem estar ou sem empatia diante da angústia da criança. Em apenas uma das vinhetas chamou a mãe, evidenciando o comportamento de busca de proximidade. Rodrigo escolheu para ser ele mesmo um boneco maior do que o do pai e representou ações independentes e de autocuidado diante das situações de angústia. Em apenas duas vinhetas relatou comportamento de busca de proximidade, porém sem interação empática e calorosa. O pai foi apresentado como insensível e não conseguindo identificar o que o filho estava pensando. A capacidade de mentalização evidenciada foi limitada. Ou não houve discriminação entre o estado mental dos personagens (mãe e filho e pai e filho), ou o estado mental dos cuidadores era desconectado da criança, voltado para suas próprias necessidades. As narrativas foram sucintas, sem riqueza de detalhes e pouco vividas.

A avaliação clínica e o *Checklist* para avaliação da mentalização revelaram uma capacidade de menta-

lização bastante limitada de Luciana, situando-a na categoria Pobre. Obteve uma pontuação ligeiramente mais alta nos temas relacionados à “Percepção do próprio funcionamento mental” e à “Representação do *Self*”, na categoria Moderada. A avaliação das entrevistas e do *Checklist* para avaliação da mentalização de Ronaldo também revelou limitações, embora ele tenha se situado, em termos globais e nos quatro temas da mentalização na categoria Moderada.

### Caso 3: João

João foi encaminhado para avaliação psicológica, com a mãe e a avó paterna, devido ao processo de regulamentação de visitas solicitado por essa avó. O pai já havia tentado regulamentar as visitas em mais de um processo judicial. O menino tinha seis anos na época da avaliação. Estudava na primeira série do Ensino Fundamental, morava com a mãe, Helena, o novo companheiro dela e os avós maternos.

Helena tinha 23 anos e era dona de casa. Há dois anos mantinha um novo relacionamento. Era a filha caçula de uma família com três filhas e descreveu sua mãe como “*super amiga*” e seu pai como distante e preocupado em prover as necessidades financeiras da casa. Helena demonstrou ser muito apegada à mãe.

Paulo, pai de João, tinha 28 anos, trabalhava como pedreiro e também tinha um novo relacionamento há um ano e meio. Perdeu seu pai quando tinha seis anos de idade devido a um acidente (choque elétrico) e ainda sofria muito com essa perda.

Helena tinha 15 anos quando conheceu Paulo e ele 19. Entre o namoro e a decisão de morarem juntos, passou-se apenas um mês. João foi planejado e desejado pelo casal, gravidez que aconteceu aos 16 anos de Helena, um ano após estarem morando juntos na casa dos pais dela. Porém, no momento em que foram convidados a narrar a história do filho, não o fizeram. Helena descreveu sua relação conturbada com Paulo. Já Paulo reclamou que desde o início teve dificuldade em manter contato com o filho.

Helena e Paulo estavam separados havia quatro anos na ocasião da avaliação. Desde o início da separação, o litígio do casal estava sendo disputado na Justiça e não mantinham mais diálogo. Durante o relacionamento, houve muitas brigas e algumas separações.

Paulo não via o filho há, pelo menos, um ano, e já não acreditava mais que isso pudesse ser resolvido. Helena, em um primeiro momento, afirmou que não era ela quem não deixava que o filho fosse ao encontro do pai, mas que ele não queria ir. Alegou que Paulo teria agredido João numa das visitas, deixando o menino com o braço roxo, fato que a fez registrar um Boletim de Ocorrência. Em contrapartida, Paulo relatou que segurou o braço do filho que se desequilibrou andando de bicicleta, ficando a marca.

João era um menino franzino, frágil, que aparentava ter menos idade. Em sua primeira entrevista, chorou muito e se negou a entrar sozinho. A mãe teve que participar do encontro. João ficou calado na maior parte do tempo, sua mãe era quem respondia o que lhe era perguntado. Tratava-o de uma maneira bastante infantilizada. Para João, seu verdadeiro pai era o companheiro atual de sua mãe. Em relação ao pai biológico e sua família dizia nem mesmo se lembrar deles, mas não sabia explicar os motivos pelos quais não ia visitá-los.

Na aplicação do Teste das Fábulas, João se mostrou muito ansioso. Frequentemente, a verbalização ficou bloqueada. Demonstrou um desejo de contato com o pai. As fábulas mobilizaram em João conflitos de separação-indivuação. Apareceram fantasias de rejeição e ansiedade de separação. No Teste do Desenho da Família, João realizou seu desenho sem investimento e de maneira pobre. Desenhou sua família extensa, respeitando uma ordem hierárquica e cronológica. Sobre o pai que desenhou, afirmou ser o atual companheiro de sua mãe. Os personagens eram muito pequenos, de palitinho e os sexos somente se diferenciavam pelo comprimento dos cabelos. O desenho indicou aspectos depressivos e regressivos. João se excluiu do desenho. No MCAST, os resultados em relação à figura materna e paterna apontaram indicadores de apego inseguro em todas as vinhetas. Havia um comportamento de busca de proximidade, porém a interação era pobre e continha elementos de evitação e restrição. Não houve alívio da angústia. A partir da segunda vinheta, João colocou os bonecos da mãe e do filho dentro da mesma roupa, como se fossem um só.

Em relação ao pai, houve uma busca de proximidade, mas a interação foi muito pobre e não houve alívio da angústia. Predominaram os elementos de restrição e uma interação pouco calorosa. Os bonecos que representavam pai e filho, como no caso da figura materna, foram colocados dentro da mesma roupa. A capacidade de mentalização evidenciada, tanto no procedimento relacionado à figura da mãe como à do pai foi bastante restrita. As narrativas eram pobres e os sentimentos da mãe e do filho no primeiro caso e do pai e do filho no segundo eram idênticos e expressos sucintamente.

As entrevistas e o *Checklist* para avaliação da mentalização indicaram que Helena possuía uma capacidade de mentalização “Pobre” em termos globais e em todos os temas, com exceção de “Representação do *Self*”, em que situou-se na categoria “Moderada”. No caso de Paulo, as entrevistas e o *Checklist* para avaliação da mentalização revelaram uma capacidade de mentalização “Moderada” em termos globais. Nos quatro temas investigados, situou-se nessa mesma categoria.

## Discussão

A análise dos três casos participantes deste estudo permite algumas constatações relacionadas à dinâmica dessas famílias e à forma como enfrentam seus conflitos. Inicialmente, cabe discutir a pertinência da hipótese de uma dinâmica de alienação parental, presente em cada um deles. Nesse sentido, vários aspectos comuns a todos os casos poderiam ser salientados: as crianças estavam sob a guarda unilateral materna; as separações foram marcadas por muitas brigas e litígios, envolvendo a polícia e o sistema judiciário nos três casos (no caso 1, devido à acusação de abuso sexual; nos casos 2 e 3, devido aos episódios de brigas e agressões entre os casais; nos três casos, devido aos incontáveis processos movidos entre os ex-cônjuges); os três casos enfrentavam processos de disputa por guarda (caso 1) e regulamentação de vistas (casos 2 e 3); todas as crianças se recusavam a ver o pai e estavam há um tempo significativo sem qualquer contato com os mesmos. Além disso, constata-se por parte das mães a presença de acusação de abuso sexual no caso 1, não corroborada pelas avaliações realizadas, e insinuações de abuso sexual e acusação de maus tratos nos casos 2 e 3, também não confirmadas.

Ao considerarem-se os vínculos afetivos estabelecidos entre os casais, entre esses pais e mães e seus filhos e entre esses pais e mães e seus próprios pais e mães, vários aspectos importantes também se destacam. Primeiramente, as uniões dos três casais iniciaram de forma rápida e foram marcadas por muitos conflitos durante toda sua duração, brigas, agressões, separações e reconciliações. Isso denota vínculos com características de fragilidade, insegurança, ambivalência e com uma estratégia predominante de resolução de conflitos pautada por atuações, mais do que por estratégias mais elaboradas, que demandariam uma capacidade de mentalização melhor estabelecida. Nesses casos, a possibilidade de regulação dos afetos e das emoções (Fonagy et al, 2002; Target, 2007) estava comprometida e a segurança dos seus vínculos afetivos prejudicada.

As relações de Rosa, Luciana e Helena com suas próprias mães e pais apresentam peculiaridades que devem ser assinaladas. As três mulheres apresentam um vínculo de forte apego e dependência em relação às suas mães, e uma imagem idealizada das mesmas. Todas elas também experimentaram um relacionamento distante com seus pais. Tais vivências poderiam contribuir para suas crenças de que o relacionamento de seus filhos com seus próprios pais poderiam ser dispensáveis, e que apenas elas bastariam para eles.

Da parte dos homens, alguns dados também se repetiram. Sandro e Paulo perderam seus pais aos seis anos de idade, ambos em situações de acidentes e de

maneiras traumáticas. Na sua experiência, a figura do pai também foi mais distante ou ausente, havendo uma predominância da presença e participação das mães. Curiosamente, ao analisar-se o Desenho da Família das quatro crianças, constata-se que os pais foram excluídos de todos eles.

As características dos vínculos dessas mães e pais com seus filhos também devem ser mencionadas. No discurso das mães, as crianças estiveram praticamente ausentes. Dedicaram suas entrevistas a falar mal dos ex-maridos, a descrever seus defeitos, suas brigas. Ao mesmo tempo em que isso denota um vínculo que ainda não foi rompido, e que se mantém pelo ódio, ressentimento e alimentação do conflito, também revela uma dificuldade no reconhecimento das necessidades e do estado emocional dos filhos.

Constata-se a dificuldade dessas mães em regular seus próprios estados afetivos e impulsos, suas falhas empáticas, distorções na interpretação dos acontecimentos, certamente com algum impacto sobre os vínculos e modelos representacionais dos seus filhos (Fonagy et al, 2002; Target, 2007). Tais aspectos possivelmente se relacionam com as dificuldades no processo de separação-indivuação identificadas nas crianças, com os indicadores de apego inseguro e com sua adesão incondicional à posição das mães no conflito conjugal.

Da parte dos pais participantes do estudo, constata-se uma posição mais passiva na situação de conflito e de impedimento do contato com os filhos, especialmente nos casos 2 e 3. Nas suas entrevistas, a preocupação com os filhos e o reconhecimento das suas necessidades e do seu estado ficou obscurecida pelo discurso em torno das queixas das ex-esposas, certa posição de vitimização e conformismo.

As entrevistas e os instrumentos utilizados com as crianças também permitiram constatações importantes. Primeiramente, deve-se sublinhar certa perda de espontaneidade, atitudes de controle e o discurso pronto, com ‘relatos destinados a falar mal de seus pais.

O Teste das Fábulas das quatro crianças apontou para conflitos relacionados ao processo de separação-indivuação, relações simbióticas com suas mães e ambivalência em relação a elas. Isso se repetiu nos Desenhos da Família, quando desenharam, em alguns casos (Letícia e Vanessa), mãe e filha com características iguais, imaturas e infantis, revelando a falta de discriminação entre elas, e desvalorização (Rodrigo) e até mesmo exclusão de si mesmo (João), também revelando falha na individuação.

Os indicadores de apego inseguro observados nos dados obtidos no MCAST dos quatro casos vêm ao encontro desses resultados. As quatro crianças relataram interações muito pobres tanto com as mães como com

os pais nesse procedimento. As situações de dificuldade e angústia não originavam cuidados contingentes e sensíveis por parte dos cuidadores, com alívio da angústia e transição para situações de brincar e de comportamento exploratório (Bowlby, 1969/1990; 1973/1998; Green et al., 2000). Recebiam apenas um apoio logístico e às vezes mecânico, e os pensamentos e sentimentos dos filhos e dos cuidadores várias vezes eram idênticos (Vanessa e João), ou então criança e cuidador se movimentavam dentro de uma mesma roupa, como se fossem um só (João). Esses aspectos remetem para a simbiose e falta de discriminação entre as crianças e suas figuras maternas, o que sustenta a dinâmica de alienação parental.

A capacidade de mentalização em todos os participantes do estudo, adultos e crianças, mostrou-se limitada. Como foi descrito, as crianças tiveram dificuldades para identificar os sentimentos e pensamentos dos personagens das histórias propostas nas vinhetas. As narrativas foram pouco consistentes e sem profundidade descritiva, pobres e indistintas. O estilo de produção das narrativas, em todos os casos, esteve aquém da idade e do nível de desenvolvimento esperado (Green et al., 2000).

Os adultos também evidenciaram capacidade de mentalização limitada. As três mulheres se situaram, em termos globais, na categoria “Pobre”. De modo geral, prenderam-se muito aos comportamentos, não evidenciando interesse genuíno em compreender os aspectos subjacentes. Já os resultados obtidos por Sandro, Ronaldo e Paulo foram ligeiramente superiores e, em termos globais, situaram-se na categoria “Moderada”, embora ainda evidenciando limitações na capacidade de mentalização.

Os resultados relacionados à capacidade de mentalização dos participantes articulam-se às características dos vínculos afetivos descritos antes. Como já foi discutido, a capacidade de mentalização é uma habilidade que se adquire no seio de um relacionamento seguro (Bateman & Fonagy, 2003, 2004; Fonagy et al., 2002). As mães e pais participantes desse estudo enfrentaram conflitos e em alguns casos rompimento dos vínculos com seus cuidadores primários. Essas vicissitudes podem ter comprometido a representação dos seus vínculos afetivos, seus modelos representacionais, impactando a constituição dos vínculos com seus próprios filhos. Desta forma, diante da separação conjugal e da dificuldade de enfrentar essa perda e transição familiar, as mães participantes, sem conseguir se discriminar dos seus filhos, e com uma capacidade de mentalização limitada, convocaram essas crianças a participar do seu conflito (Baker & Darnall, 2006; Garber, 2004; Riggio, 2004).

## Considerações Finais

A análise dos resultados deste estudo indica que a alienação parental não é um processo que acontece somente depois de uma separação conjugal. Sua origem já está presente antes, durante a relação conjugal. Diferentes estilos de relacionamento e de casamento darão origem a diferentes estilos de separação e divórcio. Além disso, os processos psicológicos presentes nos personagens dessas histórias também terão implicações sobre a forma como eles enfrentarão suas transições e crises familiares. Os conceitos de vínculo afetivo e de capacidade de mentalização utilizados auxiliaram a elucidar o que aconteceu com essas famílias, corroborando a hipótese de que a dinâmica envolvida na alienação parental pressupõe a existência de um vínculo emocional particular entre a criança e seus cuidadores.

O rompimento de um vínculo afetivo sempre será um processo delicado, difícil e sofrido. A forma como as pessoas irão lidar com esse rompimento poderá ser mais ou menos conflitiva ou conturbada. Algumas vezes, relatos de maus tratos, de abuso sexual, de negligência ou outros poderão traduzir experiências efetivamente vivenciadas, sendo necessário proteger as crianças e adolescentes envolvidos. Nem sempre a recusa em conviver com determinado genitor será a manifestação de uma situação de alienação parental. Daí a importância e necessidade de intervenções interdisciplinares, garantindo a proteção dos direitos das crianças e adolescentes bem como o bem estar de todos os envolvidos na situação. Nesse sentido, intervenções na linha da mediação de conflitos podem contribuir para reverter o quadro de litígio e para a elaboração de soluções negociadas e consensuais.

Entretanto, nem sempre tais soluções serão possíveis. Algumas vezes, como nos casos analisados neste estudo, o nível de conflito é tal que demanda a intervenção de terceiros, como policiais, operadores do Direito, profissionais da área da saúde como psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras. Nesses casos, acredita-se que a análise dos processos psicológicos envolvidos, como os discutidos nessa investigação, podem contribuir para sua compreensão e para fundamentar intervenções clínicas junto a essas famílias.

## Referências

- Aberastury, A. (2007). *Psicanálise de Crianças – Teoria e Técnica*. Porto Alegre: Artmed.
- APA, D. (1994). *Statistical Manual of Mental Disorders*. American Psychiatric Association, Washington, DC.
- Bateman, A. W. & Fonagy, P. (2003). The development of an attachment-based treatment program for BPD. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 67(3): 187-211.

- Bateman, A. W. & Fonagy, P. (2004). *Psychotherapy of Borderline Personality Disorder: mentalization-based treatment*. Oxford: Oxford University Press.
- Bateman, A. W. & Fonagy, P. (2006). *Mentalization-based treatment for borderline disorder: a practical guide*. Oxford: University Press.
- Baker, A. J. L. & Darnall, D. (2006). Behaviors and Strategies Employed in Parental Alienation. *Journal of Divorce & Remarriage*, 45(1/2): 75-99.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda*. Vol. 1. *Apego. A natureza do vínculo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1969).
- Bowlby, J. (1998). *Perda: tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1973).
- Brasil. Presidência da República. Código Civil. (2010). *Lei nº 12.318, de 26 de agosto de 2010*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12318.htm>. (Acesso em 18 de fevereiro de 2010).
- Corman, L. *O Teste do Desenho da Família*. (2003). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cunha, J. A. & Nunes, M. L. T. (1993). *Teste das Fábulas*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Fonagy, P. (1999). Peristencias transgeracionais del apego: una nueva teoria. *Aperturas Psicoanalíticas*, 23. Disponível em <http://www.aperturas.org/23fonagy.html>.
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E. L., & Target, M. (2002). *Affect regulation, mentalization, and the development of the self*. New York: Other.
- Garber, B. D. (2004). Parental alienation in light of attachment theory. *Journal of Child Custody*, 1(4): 49-76.
- Gardner, R. A. (1985). Recent trends in divorce and custody litigation. *The Academy Forum*, 29(2): 3-7.
- Gardner, R. A. (1998). *The parental alienation syndrome: A guide for mental health and legal professionals*. Cresskill: Creative Therapeutics.
- Gardner, R. A. (2002). Parental alienation syndrome vs. parental alienation: Which diagnosis should valuator use in child-custody disputes? *The American Journal of Family Therapy*, 30(2): 93-115.
- Green, J., Stanley, C., Smith, V., & Goldwyn, R. (2000). A new method of evaluating attachment representations in young school-age children: The Manchester Child Attachment Story Task. *Attachment & Human Development*, 2(1): 48-70.
- Riggio, H. R. (2004). Parental marital conflict and divorce, parent-child relationships, social support, and relationship anxiety in young adulthood. *Personal Relationships*, 11(1):99-114.
- Souza, R. M & Ramires, V. R. R. (2006) *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.
- Target, M. (2007). Teoria e pesquisa sobre apego. Em E. S. Person, A. M. Cooper, & G. O. Gabbard (Org.), *Compêndio de psicanálise* (pp. 169-182) (D. Bueno, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2005).
- Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Received 09/26/2011

Accepted 01/03/2013

**Andréa Faccini**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brazil

**Vera Regina Röhnelt Ramires**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brazil